

Reflexões iniciais sobre o projeto “Livros, literatura e empoderamento feminino: um estudo etnográfico sobre o projeto Leia Mulheres nas redes sociais”

Tauana Mariana Weinberg Jeffman²

Resumo: Neste artigo realizo a aproximação com meu atual campo de investigação: o projeto #leiamulheres. Para isto, apresento os objetivos que a pesquisa abarca, bem como uma contextualização sobre o projeto, uma breve reflexão sobre a relação entre censura, literatura e mulheres e, posteriormente, a apresentação do desenho metodológico composto até então. Minha intenção é compartilhar minhas intenções de pesquisa para agregar novos olhares e novos ares a uma pesquisa que ainda está em sua fase inicial.

Introdução

“Não se nasce mulher: torna-se”.

(Simone de Beauvoir)

“O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei.

Não acredito que vocês saibam”.

(Virginia Woolf)

Este artigo apresenta a primeira reflexão sobre meu projeto de pesquisa apresentado ao programa de pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, nível mestrado. Neste projeto, parto do interesse em observar à luz da etnografia (virtual e presencial) um determinado grupo social

² Mestranda do curso de Antropologia Social da UFRGS. Doutora em comunicação – UNISINOS. Mestre em Comunicação Social – PUCRS. Graduada em Comunicação Social | Habilitação Publicidade e Propaganda – UNIPAMPA. E-mail: tauanamwj@hotmail.com.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

inserido no contexto urbano que, ao consumir cultura – a literatura, também constrói e reflete sobre sua identidade social constituindo sociabilidades a partir do livro. Este tema surgiu no meu doutorado durante minha etnografia virtual e penso ser profícuo para uma pesquisa posterior e mais aprofundada. Tal percepção se deu quando observei a relação entre mulheres, leitura e literatura e conheci o projeto #leiamulheres.

A futura pesquisa objetiva compreender como um grupo de leitoras socializa e constitui vínculos sociais e afetivos a partir do livro e da leitura através das redes sociais, valorizando e atribuindo notoriedade à literatura escrita por mulheres ao mesmo tempo que reflete sobre sua identidade social e o seu papel enquanto mulher na sociedade.

O foco será no grupo de leitoras que leem mulheres e como a tecnologia as auxilia, atuando como espaço de comunhão e discussão, por consequência, estima-se a apreensão de como a literatura e a leitura podem influenciar no entendimento sobre a mulher, o feminismo e o empoderamento feminino. Sobre estes tópicos, utilizarei autores como Adichie (2014), Beauvoir (2008, 2009, 2010), Souza (2016), Estés (2014), Butler (2003) e Bollmann (2007), mas objetiva-se também entender e elucidar os procedimentos metodológicos relacionados a área da antropologia da cibercultura ao atentar-me às articulações em diversas redes realizadas pelo projeto #leiamulheres.

Neste primeiro momento, apresento uma breve reflexão sobre a relação das mulheres com a literatura e a leitura, contextualizo o leitor sobre o projeto #leiamulheres e discorro sobre o percurso metodológico que pretendo empreender nesta nova pesquisa.

Censura, literatura e mulheres

Abreu (2006, p. 101) constata que muitos pensadores defenderam a ideia de que era um grande erro alfabetizar a classe baixa. Além da leitura não retirar tais pessoas da miséria, do vício e da indolência em que vivem, ainda poderia incitá-las à revolta. Acreditava-se que os pobres poderiam ser de alguma utilidade apenas quando mantidos sob subordinação, relegados à ignorância. Criaram-se leis que perduraram até a metade do século XIX, proibindo os escravos de serem alfabetizados e, assim, poderem ler e escrever. Os negros que persistiam em alfabetizar-se – lendo livros escondidos,



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

pedindo para as suas senhoras que lhe dessem aulas, observando cubos de alfabetos das crianças brancas –, se flagrados, eram severamente punidos.

Conta Doc Daniel Dowdy: “a primeira vez que você era surpreendido tentando ler ou escrever, você era açoitado com um relho de couro cru; na segunda vez, com um chicote de nove tiras; na terceira vez cortavam a ponta do seu dedo indicador” (apud MANGUEL, 1997, p. 312). No sul dos Estados Unidos, era comum a prática de enforcar escravos que tentavam ensinar os outros a soletrar. Então, por que muitos escravos insistiam em entrar para o mundo letrado se isso poderia lhes custar o dedo ou até mesmo a vida? Manguel (1997, p. 313) reflete que aprender a ler não era um passaporte imediato para a liberdade do negro, “mas uma maneira de ter acesso a um dos instrumentos mais poderosos de seus opressores: o livro”.

Além dos escravos e dos pobres, a leitura também era considerada perigosa para as mulheres, pois se pensava que “elas eram governadas pela imaginação e inclinadas ao prazer e, como não tinham ocupações sólidas, nada as afastaria das desordens do coração – e das desordens do corpo, que são as piores” (ABREU, 2006, p. 101). Para São Tomás de Aquino, “a mulher foi criada para ser a companheira e ajudante do homem” (MANGUEL, 1997, p. 246). A mulher era “afastada” do poder intelectual pois este a conduziria para a curiosidade.

Ser uma mulher curiosa era considerado um pecado, pecado este que levou Eva a “provar do fruto proibido do conhecimento”. Pensou-se, durante toda a Idade Média, que a mulher deveria ser mantida inocente e virginal, sendo educada apenas até o ponto onde seus conhecimentos fossem úteis aos homens e às atividades domésticas.

Manguel (1997) lembra que, mesmo lendo apenas essa literatura permitida, as mulheres encontraram estímulos intelectuais para tornarem-se leitoras e grandes escritoras. Na obra *Um teto todo seu*, escrita em 1928, Virgínia Woolf (2014) reflete a relação entre as mulheres e a ficção ponderando que, para escrever, as mulheres precisavam de quinhentas libras por ano e um teto próprio, um espaço longe de perturbações. No que se refere ao dinheiro, a escritora conta que somente no final do século XIX, na Inglaterra, o dinheiro das mulheres deixou de ser propriedade de seus maridos.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Quando uma mulher conseguia escrever, era desacreditada. Muitas vezes escondia-se por trás de pseudônimos masculinos³. Se escrever uma obra-prima era um trabalho repleto de “dificuldades prodigiosas” para os homens, para as mulheres “essas dificuldades eram infinitamente mais descomuns” (WOOLF, 2014, p. 78). “Qualquer mulher que tenha nascido com um grande talento no século XVI certamente teria enlouquecido”, destaca Woolf (2014, p. 74), “atirando em si mesma ou terminando seus dias em um chalé nos arredores da vila, meio bruxa, meio feiticeira, temida e escarnecida”.

Foi somente no final do século XVIII que as mulheres começaram a escrever, mas ainda escreviam na sala de estar, ainda não tinham um teto todo seu. Ainda se envergonhavam do que escreviam. Jane Austen escreveu *Orgulho e Preconceito* às escondidas, cobrindo seus manuscritos com um mata-borrão cada vez que alguém se aproximava. Para ela, por mais estranho que isso possa parecer, “havia algo de desonroso no ato de escrever *Orgulho e Preconceito*” (WOOLF, 2014, p. 99). Woolf constata que a produção desta obra foi um verdadeiro milagre devido às circunstâncias.

A autora (2014) pensava que, após cem anos, as mulheres não seriam mais o sexo frágil e, deste modo, qualquer coisa poderia acontecer. Elas escreveriam sobre todos os temas que quisessem, não seriam julgadas inferiores e teriam as mesmas condições de desenvolvimento e produção intelectual que os homens. E aqui estamos nós, quase noventa anos após essa constatação. Neste período, as mulheres obtiveram diversas conquistas, muitas coisas mudaram, melhoraram. Contudo, conforme nota a crítica literária Noemi Jaffe (apud WOOLF, 2014, p. 169), “as conquistas femininas continuam sendo não mais do que ‘conquistas’ às quais as mulheres precisam se aferrar ou das quais devem se orgulhar”.

3 “Currer Bell, George Eliot, George Sand, todas vítimas de uma luta íntima, como provam seus escritos, buscaram sem sucesso esconder-se usando nomes de homem. Desse modo, elas reverenciavam a convenção, se não criada pelo outro sexo, abertamente encorajada por elas [...], de que a publicidade é algo detestável para uma mulher. A anonimidade está em seu sangue. O desejo de ficar escondida ainda a toma por inteiro”, destaca Woolf (2014, p. 75).

O projeto *Leia Mulheres*

Com o objetivo de valorizar a literatura escrita por mulheres e incentivar a leitura de tais obras, a escritora Joanna Walsh (2014, online) criou o projeto #readwomen2014 no Twitter⁴ após perceber a marginalização das escritoras por avaliadores, revisores e revistas literárias. Atualmente, segundo Walsh (2014, online), as mulheres publicam tanto quanto os homens, mas possuem menos visibilidade, são menos lidas, mais facilmente esquecidas e desvalorizadas. Com a *hashtag*⁵, Walsh (2014, online) publicou alguns marcadores de página com nomes e caricaturas de escritoras (Figura 1) e, posteriormente, passou a *tuitar* nomes de outras escritoras mulheres. A partir disso, a lista começou a crescer com a participação de seus seguidores no Twitter. A *hashtag* serviu como um grito de guerra, um incentivo pessoal, uma celebração de realizações e como um vínculo entre os projetos que surgiram em todo o mundo.

Walsh (2014, online), sem querer, criou um movimento que se expandiu para além do Twitter, para além de seu país e para além daquele ano. No Brasil, o projeto tornou-se o #leiamulheres, idealizado por Michelle Henriques, Juliana Leuenroth e Juliana Gomes. Com 63 mediadoras espalhadas por 28 cidades brasileiras, o #leiamulheres inseriu a discussão em espaços culturais e livrarias. Cada cidade possui seu clube de leitura, conduzido pelas mediadoras. Conta também com um *site*⁶ onde são publicadas informações sobre o projeto, conteúdos e resenhas de obras escritas por mulheres, além de diversas articulações e produção de conteúdo em diferentes redes sociais como o Facebook, o YouTube e o Twitter. A projeto tanto coloca em pauta a desigualdade entre homens e mulheres no mercado editorial quanto procura desmistificar a questão de que literatura escrita por mulheres é uma “literatura de mulherzinha”. As idealizadoras esperam que um dia o #leiamulheres não seja mais necessário porque homens e mulheres serão lidos, publicados e valorizados em igual proporção.

4 Disponível em: <<https://twitter.com/hashtag/readwomen2014?src=hash>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

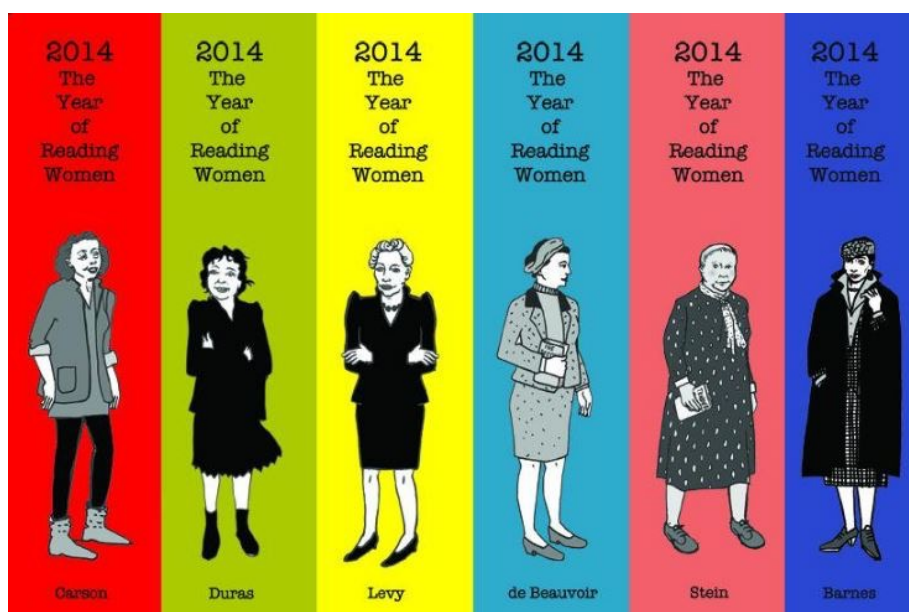
5 Segundo Recuero (2014, online), “uma hashtag constitui-se em uma etiqueta de ‘contexto’ no Twitter, que aponta de forma específica um termo que não apenas constrói contexto, mas igualmente permite que o tweet seja buscado e recuperado também pela etiqueta. Em geral é representada pelo sinal #”.

6 Disponível em: <<http://leiamulheres.com.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Figura 1: Marcador de página produzido por Walsh.



Fonte: twitter.com

No *booktube* o projeto ganha ênfase no mês de março, em comemoração ao *Dia Internacional da Mulher* (8 de março). Alguns *booktubers* dedicam este mês à leitura de obras escritas por mulheres ou que discutam o papel da mulher na sociedade utilizando tópicos como “leia mulheres”, “lendo mulheres” ou “leia mais mulheres”. Entre alguns exemplos, encontram-se os canais Michelle Borges⁷, *Mundo de Morfeu*⁸, Fabiola Paschoal⁹, *Maquiada na livraria*¹⁰, *Pensar ao ler*¹¹, *Livr Isa*¹², *Pausa*

7 Disponível em: <<https://youtu.be/a24kBb8yFnI>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

8 Disponível em: <<https://youtu.be/7RGG38-BmSk>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

9 Disponível em: <<https://youtu.be/F12IseZcKa8>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

10 Disponível em: <<https://youtu.be/40JtI-oVYoQ>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

11 Disponível em: <<https://youtu.be/CwqYSSQ8ov0>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

12 Disponível em: <<https://youtu.be/2Uw75O6SPcI>>. Acesso em: 15 ago. 2016.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

para um café¹³, *Compartilivros*¹⁴, Carol Miranda¹⁵, Ju Spohr¹⁶, Jeniffer Geraldini¹⁷, Carol Patrocínio¹⁸, *Este não é um best-seller*¹⁹, *Frases perdidas*²⁰, *Romeu Julieta*²¹, Eduardo Collovini²², *Canal da Ceci*²³, Patrícia Lima²⁴, Bruna Miranda²⁵, *Ler antes de morrer*²⁶ e *Despindo Estórias*²⁷.

Em março de 2016, Iara (canal *Conto em canto*) propôs o projeto #mulheresparaler²⁸ em comemoração à data. Convidou seus seguidores a contarem quantos livros escritos por mulheres existem em suas estantes. Ela fez a contagem e percebeu que a quantidade de obras escrita por homens que constavam na sua estante era consideravelmente maior do que as escritas por mulheres. A partir disso, resolveu dedicar o mês para a discussão sobre gêneros na literatura, representatividade feminina, autoras brasileiras e estrangeiras, personagens femininas e demais aspectos que envolviam

13 Disponível em: <<https://youtu.be/Lo6lr7jtIys>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

14 Disponível em: <<https://youtu.be/-TG6iuZJ-7A>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

15 Disponível em: <<https://youtu.be/qePHnLHLmWg>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

16 Disponível em: <<https://youtu.be/lkGPY-khBCA>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

17 Disponível em: <https://youtu.be/50v_hU3RJtk>. Acesso em: 15 ago. 2016.

18 Disponível em: <<https://youtu.be/4Iy7ZK243xk>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

19 Disponível em: <<https://youtu.be/DvR2VzG31X8>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

20 Disponível em: <https://youtu.be/Xp2yB_4MtXE>. Acesso em: 15 ago. 2016.

21 Disponível em: <<https://youtu.be/N9PGXNqmHcw>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

22 Disponível em: <<https://youtu.be/BxW2KIM4oTI>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

23 Disponível em: <<https://youtu.be/Mobb4GhrXUA>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

24 Disponível em: <<https://youtu.be/pkN1KFuj50Y>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

25 Disponível em: <<https://youtu.be/c4YzJxeokEg>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

26 Disponível em: <<https://youtu.be/bbIBHBOgAYE>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

27 Disponível em: <<https://youtu.be/Z1xw9-nVoKo>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

28 Disponível em: <https://youtu.be/wh3u_4O8Aso>. Acesso em: 15 ago. 2016.

o cenário literário e o papel das mulheres nele. Relata que este mês lia somente mulheres, pedindo aos seus seguidores que incluíssem ao menos uma mulher na sua lista de leituras.

Apesar da relação conflituosa entre mercado editorial e mulheres, a primeira pessoa a ficar bilionária com a venda de seus livros e dos direitos autorais de suas personagens foi uma mulher. Joanne Rowling tornou-se J. K. Rowling ao inserir o K de “Kathleen”, nome de sua avó paterna, a pedido de sua editora – Bloomsbury Children’s Books, pois acreditava-se que uma mulher não agradaria um público de jovens garotos. (JKROWLING.COM, online)²⁹.

O processo da pesquisa

A metodologia empreendida será a etnografia realizada virtualmente, contanto, por vezes, com contatos presenciais durante o clube de leitura. Geertz (1997, p. 15) nota que, para que haja de fato uma pesquisa etnográfica, o pesquisador deve empenhar um esforço intelectual, desenvolvendo uma “descrição densa” sobre o grupo, tentando ler as pistas que se mostram, por vezes, incoerente. A etnografia hoje também é realizada em comunidades virtuais ou espaços digitais que comportam grupos de interesses.

Como argumenta Baym (apud FRAGOSO et. al., 2011), tão indispensável quanto selecionar os métodos adequados para a investigação é o cuidado do pesquisador com outras premissas necessárias para a realização de pesquisa na internet. De acordo com a autora, se faz necessária uma aproximação prévia com a história do objeto investigado – premissa sanada através da pesquisa bibliográfica; deve-se manter o foco, tendo em mente onde e o que se quer pesquisar; é preciso ser prático; saber fazer escolhas dentre a infinita gama de possibilidades que a internet nos oferece; e por fim, desenvolver “explicações convincentes”, que são imprescindíveis.

Observando as terminologias da etnografia que é realizada em ambiente *online*, possuo o discernimento da multiplicidade de nomenclaturas utilizada. Entre elas: *Etnografia virtual* (Christine Hine), *Netnografia* (Robert Kozinets), *Ciberantropologia*, *Etnografia na cibercultura* e *Etnografia digital*. Sobre este aspecto, Fragoso (et. al., 2011) observam que a tradição da pesquisa etnográfica

29 Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling>. Acesso em: 20 mar. 2016.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

consiste em um deslocamento ao campo a fim de constituir vivências de forma presencial em um determinado grupo, comunidade ou tribo por um determinado tempo de inserção. Foi este “ir a campo” um dos principais fatores que provocou discussões sobre a veracidade de um fazer etnográfico na internet, visto que esta era considerada por alguns estudiosos como um “não-lugar”.

A autora ressalta que os antropólogos tradicionais “torceram o nariz” para uma etnografia realizada virtualmente, defendendo que o princípio básico desta é o “ir a campo”, entendido como um deslocamento geográfico do pesquisador. No entanto, na conjuntura atual da sociedade pode-se perfeitamente ir a campo sem a necessidade de deslocamento físico, se o interesse do pesquisador for grupos ou comunidades presentes no ciberespaço. Sendo assim, Frago (et. al., 2011) compreendem que o termo etnografia pode ser utilizado, desde que o pesquisador descreva e problematize as diferenças no processo da coleta de dados e da observação que se dá entre o ambiente *online* e *offline*.

Conforme Hine (2004, p. 10), os primeiros estudos que foram desenvolvidos sobre a internet possuíam um cunho futurista, como os desenvolvidos por Negroponte (1995) e Gates (1996), nos quais se primava pela descoberta de qual seria o futuro da internet, esquecendo-se de compreender como ela era incorporada à vida e ao cotidiano das pessoas. Contudo, seu trabalho intitulado *Etnografia Virtual* (2004) tem por objetivo oferecer uma metodologia de investigação empírica sobre os usos atuais da internet, posto que, mais rico do que compreender o que acontecerá com a internet no futuro, é apreender no presente seus usos e apropriações. É entender quem são as pessoas presentes no campo de interesse, por que estão lá e o que fazem.

O argumento de Hine (2004) é que a tecnologia em si mesma não é o agente de mudança deste futuro, mas sim, os usos, construções de sentido e apropriações realizados a partir dela. Neste caso, a etnografia é ideal para o pesquisador que pretende compreender as complexas relações que existem na e a partir da internet, pois permite observar detalhadamente os modos como as pessoas experimentam o uso dessa tecnologia. Além disso, pode revelar significados adquiridos pela tecnologia por meio das culturas em que se insere e que é, também, por ela formada. A etnografia proporciona a promessa de compreender como as pessoas organizam suas vidas e como interpretam o mundo em que vivem.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Um dos principais obstáculos enfrentados pela etnografia na internet é a necessidade da relação face a face, um dos fundamentos cruciais desta metodologia, o que leva ao questionamento sobre a autenticidade³⁰ das relações estabelecidas virtualmente e dos locais onde a pesquisa se desenvolve. No entanto, atualmente é possível estabelecer relações a partir das várias possibilidades que a internet proporciona. Além disto, uma etnografia nunca é um relato perfeito da realidade do objeto que se observa. É uma seleção de tal realidade, recortada e contada a partir do ponto de vista do etnógrafo. É uma interpretação a partir de uma experiência, mesmo que o pesquisador se coloque no lugar do nativo. São os detalhes e as vivências da viagem, ou do deslocamento, que fazem com que os leitores do relato que daí resulta o julguem como uma verdadeira experiência etnográfica no ciberespaço. Ainda, conforme lembra Sá (2005), até mesmo as etnografias presenciais são mediadas, seja por um gravador, por uma câmera fotográfica ou por uma filmadora.

Compreendo que a etnografia na internet não implica, necessariamente, em mover-se de lugar geograficamente. Seu foco e propósito é viver e apreender as experiências dos usuários e não simplesmente deslocar-se. Na internet, como em outros campos, o etnógrafo também pode observar e viver experiências sólidas e intensas. A experiência é mais crucial do que a viagem em si. Neste sentido, Hine (2004, p. 62) argumenta que o etnógrafo não é alguém que viaja e observa de maneira desvinculada. Ele torna-se um participante na medida em que compartilha emoções, preocupações e compromissos com aqueles que investiga. Assim, o campo da etnografia virtual é o campo de relações, caracterizando-se mais do que um lugar; é a possibilidade de o etnógrafo “seguir as conexões que adquirem sentido a partir de um contexto inicial”³¹ (HINE, 2004, p. 76, tradução nossa).

Neste viés, as redes sociais são uma oportunidade ímpar para compreendermos as práticas de leitura das leitoras de nosso interesse, conforme constata Miller (2009, p. 4). A etnografia será

30 Sobre a autenticidade das relações estabelecidas na internet, Hine (2004) destaca que grande parte da dúvida sobre tal se dá na veracidade do próprio informante uma vez que, na internet, a identidade deste pode ser representada como melhor lhe convir. Lembremos que alcançar esta autenticidade é um ato impraticável em todas as pesquisas em que o pesquisado sabe/percebe a presença do pesquisador. Nos termos de Goffman (2002), nós sempre estaremos representando a nós mesmos, em qualquer situação. Hine (2004, p. 64, tradução nossa) compreende que a autenticidade nada mais é do que uma “manifestação de uma regra segundo o qual o fenômeno sempre se escapa”. Logo, não deve ser encarada como um problema, mas sim, como um tópico digno de análise e atenção por parte do pesquisador.

31 “siga las conexiones que adquieren significado debido a un contexto inicial”.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

realizada presencialmente no clube de leitura *Leia Mulheres* de Porto Alegre e virtualmente no mês de março de 2017 e de 2018 nos *booktubers*, no Facebook e no Twitter utilizando para a coleta de dados tópicos como “leia mulheres”, “lendo mulheres”, “mulheres para ler” e “leia mais mulheres”. Meu principal campo de pesquisa é o ciberespaço, mas objetivo acompanhar presencialmente de forma esporádica as leitoras para entender as relações que se estabelecem entre o *online* e o *off-line*. Os preceitos etnográficos, a princípio, serão assimilados a partir de Hine (2004, 2015), Segata (2015, 2016), Clifford (2011), Geertz (1997) e Angrosino (2009).

A antropologia do consumo, em especial a cultura material, auxiliará no entendimento sobre as relações entre as leitoras a partir do livro e da literatura, entendida enquanto materialidade. Para tal, empregarei os preceitos de Campbell (2011), Isherwood e Douglas (2013), Appadurai (2008), McCracken (2003), Mauss (2012) e Miller (1987, 2013). A pesquisa se dará em quatro etapas básicas: pesquisa bibliográfica acerca dos temas e conceitos trabalhados, pesquisa exploratória sobre o projeto *#leiamulheres*, pesquisa etnográfica presencial no clube de leitura *Leia Mulheres* de Porto Alegre (composta por observação participante durante os encontros e entrevistas em profundidade com algumas leitoras) e pesquisa etnográfica virtual no YouTube, Facebook e Twitter. Por fim, resalto discernir que a pesquisa se constitui no seu decorrer. Ajustes e novas perspectivas de análise ainda surgirão durante o percurso.

Conclusões atuais

Minha inserção no campo da pesquisa da pós-graduação é, de uma certa forma, recente. Contudo, ao longo dos anos de pesquisa e descobertas, percebi que tão importante quanto compartilhar os resultados de uma investigação científica, é compartilhar também o percurso elaborado para que as respostas fossem alcançadas. Tão necessário quanto partilhar as respostas às minhas perguntas, é partilhar com meus pares, meus colegas de academia, como eu cheguei a estas respostas, por que elas me inquietavam e quais os caminhos que eu percorri para chegar às descobertas que cheguei. Por isso, este artigo não apresenta respostas fechadas, apresenta uma intenção de pesquisa. Uma reflexão transformada em um artigo científico para que novas percepções possam ser alcançadas em um percurso que está apenas começando.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Após alguns anos pesquisando e consumindo redes sociais, o projeto #leiamulheres me causou o estranhamento necessário para que eu o visse como uma potencial investigação. Estando eu inserida tanto no estudo de leitores e literatura quanto no interesse por temas relacionadas às mulheres e ao feminismo, ver estes dois universos juntos me revela o quão profícuo pode ser uma pesquisa interessada em um grupo de mulheres que se organiza e consolida através das redes sociais para valorizar a literatura escrita por mulheres. Os primeiros passos da pesquisa já foram, e o caminho que me espera é convidativo.

Referências bibliográfica

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob a perspectiva cultural**. Niterói: Editora UFF, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. **A mulher independente**. São Paulo: Pocket Ouro, 2008.
- _____. **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.
- _____. **A mulher desiludida**. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.
- BOLLMANN, Stefan. **Mulheres que leem são perigosas**. São Paulo: Quetzal, 2007.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. São Paulo: Editora Rocco, 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

_____. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and Everyday. London: Bloomsbury Academic, 2015.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

McCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MILLER, Daniel. **Material culture and mass consumption**. New York: Basil Blackwell, 1987.

_____. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SÁ, Simone Pereira de. Utopias comunais em rede: discutindo a noção de comunidade virtual. In: X ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, **Anais eletrônicos**. Brasília, 2001.

SEGATA, Jean. Um efeito ciber na antropologia. **Revista Florestan**, v. 2, p. 35-51, 2016.

_____. SEGATA, Jean; RIFIOTIS, T. (Org.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. 1. ed. Brasília: ABA Publicações, 2016.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?** O guia da sororidade para todas. São Paulo: Galera Record, 2016.

WALSH, Joanna. Will #readwomen2014 change our sexist reading habits?. **The Guardian**. 20 jan. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/HOLJmI>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.